

TÂNIA MEINERZ/JC

Quem passa pelas vias da área central percebe o mau cheiro do lixo e esgoto; inundação ainda é crescente

Mesmo com baixa no Guaíba, água avança nas ruas do Centro

Situação gera preocupação aos moradores da parte mais alta do bairro

/CLIMA

Júlia Fernandes
@eujuliafernandes

Nesta quarta-feira, às 15h, em sua última medição, o Guaíba registrou 5,03 metros. Apesar do nível mais baixo, no Centro Histórico de Porto Alegre, a água segue avançando nas principais vias: Borges de Medeiros, Rua dos Andradas (Rua da Praia) e Uruguai.

No domingo, quando o lago alcançou 5,35 metros, maior patamar já registrado na história, o alagamento não havia chegado em alguns prédios, como foi observado ontem. Sobre a água suja, uma grande quantidade de lixo acumulado e produtos variados de comércios da região boiavam.

O silêncio e o mau cheiro constante colaboram para o cenário de “cidade fantasma”. Moradores que ainda permanecem na parte mais alta da região estão preocupados com o avanço da água. Laudemir Machado de Figueiredo reside no Centro há 20 anos, e conta que duas vezes ao dia vai até o limite do alagamento tirar fotos para acompanhar o nível da água. “Eu moro em um prédio com 78 famílias

e hoje temos oito famílias ali. O resto foi embora. Estou monitorando diariamente, às 8h e às 18h e percebi que a água não baixou”, relata.

Em entrevista ao **Jornal do Comércio**, o engenheiro ambiental Iporã Possantti, hidrólogo, mestre em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental e doutorando do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), afirmou que, mesmo com a estabilização do nível do Guaíba, a água vai avançar mais pela cidade. “Porto Alegre está num nível menor que o Guaíba. Fizemos um mapeamento das áreas inundadas. Onde não está inundado ainda vai estar, porque a água continua entrando. Vai entrar mais água na Capital”, disse.

Em lugares em que a água ainda não chegou, comerciantes tentam construir barricadas com sacos de areia nas portas de seus estabelecimentos para tentar escapar da inundação ou pelo menos diminuir os prejuízos. Capinhas de celular, produtos de farmácia, brinquedos, que eram encontrados boiando, são levados por pessoas que passavam pelo local.

Pessoas em situação de rua e animais também afetados pela cheia, vagavam em busca de lu-

gares secos para se abrigarem. A maioria se concentra na Rua 24 Horas, entre a General Andrade Neves e a Andradas. Próximo do local, na General Câmara, voluntários trabalhavam para distribuir lanches aos que vivem nas ruas do bairro. O Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região (SindBancários) abriu as portas para recolher doativos e usar a cozinha do local para fazer lanches e marmitas.

“Desde a última sexta-feira, distribuimos em torno de 750 quentinhas por dia, entre café da manhã, almoço e janta. Estamos beneficiando o pessoal do Centro, as pessoas (em situação de rua) que ficam desassistidas durante a noite. Os lanches também vão para a região da avenida Benjamin Constant, onde o pessoal da Farrapos está se direcionando para ali, e vamos para as comunidades”, afirma Sandro Rodrigues, da diretoria do sindicato.

De acordo com o último boletim divulgado pela Defesa Civil já são 100 mortes devido às cheias no Rio Grande do Sul, com outras quatro mortes em investigação. Outros 130 estão desaparecidos. Até o momento, mais de 1,4 milhão de pessoas foram afetadas pelas chuvas no Estado.

Nível do Rio Gravataí registra a primeira baixa da semana

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

O Rio Gravataí começa a baixar gradualmente o seu nível. Dados da Estação Hidrometeorológica de Gravataí, na altura do Passo das Canoas, a régua marcava 6,09 metros. Índice ainda muito acima do considerado normal nesta região, que é de 2,60 metros.

Regiões como os bairros Vila Rica, em Gravataí, e Parque da Matriz, em Cachoeirinha, além de bairros de Alvorada, também atingidos pelo Rio Gravataí seguem com ruas alagadas e moradores desalojados. No entanto, de acordo com as defesas civis municipais, não há registro de avanço da água nesta quarta.

Entre Gravataí e Cachoeirinha, há pelo menos 4,4 mil pessoas fora

de suas casas. Com mais de 50 abrigos públicos e comunitários, os dois municípios receberam, desde o final de semana, pessoas atingidas pelas cheias também de municípios como Canoas, Porto Alegre e Eldorado do Sul.

Outra preocupação na região é o abastecimento de água. Em Gravataí, a Corsan mantém o fornecimento em 65% da cidade. Em Cachoeirinha, desde o começo do dia de ontem, seis bairros tiveram a retomada do abastecimento, e a tendência é de que este volume aumente, chegando a 60% do município, a partir de obras emergenciais que a companhia está fazendo em Cachoeirinha.

Em Alvorada, 100% da cidade seguia sem abastecimento conforme o boletim mais recente da Corsan.

Prefeitura da Capital suspende resgates devido à chuva

Com a volta da chuva em Porto Alegre ontem, a prefeitura de Porto Alegre solicitou que barcos que estão em resgate suspendessem temporariamente as operações.

Até a noite desta terça-feira, mais de 13 mil resgates foram realizados. Mais de 12 mil pessoas

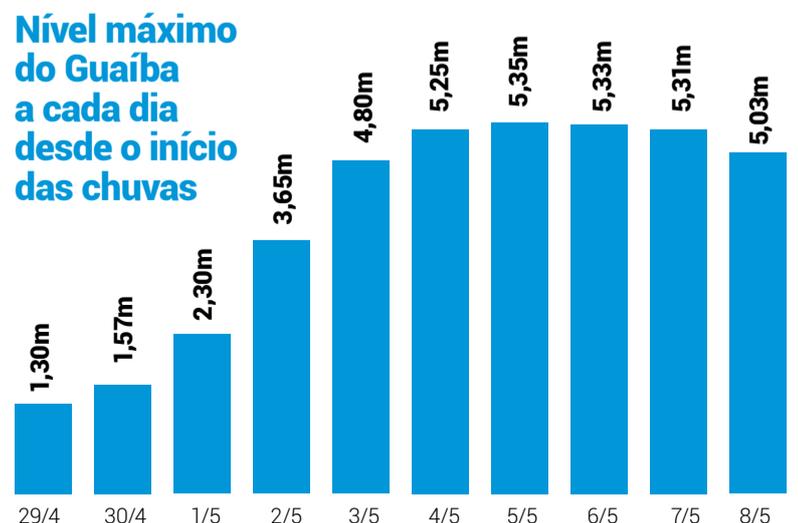
estão em 113 abrigos organizados pelo executivo, parceiros e voluntários. Com a chegada de uma nova frente fria, a prefeitura reforça o pedido de doações de colchões e cobertores. Itens de higiene, água potável e roupas íntimas também são muito necessários.

Confira a linha do tempo do aumento do nível do Guaíba

O Guaíba chegou na tarde de ontem ao mais baixo nível desde a última quinta-feira, dia 2 de maio, quando o lago extrapolou a cota de inundação em Porto Alegre: 5,03 m. No entanto, a tendência é de que esse número oscile nos próximos dias,

já que a chuva retornou ao Estado e, com isso, as águas dos rios Jacuí, Caí, Taquari, Sinos e Gravataí devem voltar a encher o lago na Capital.

Confira abaixo, qual foi o nível máximo Guaíba a cada dia desde o início das chuvas:



FONTE: AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA) E SECRETARIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE (SEMA)